

Avanços da documentação sobre línguas indígenas no Brasil
SEBASTIAN DRUDE,¹ NILSON GABAS JR.,² ANA VILACY GALUCIO,³
Museu Paraense Emílio Goeldi
Agosto 2007

Na última 59ª. Reunião Anual da SBPC, ocorrida em julho último, em Belém, o destaque no campo da lingüística certamente foi a documentação lingüística envolvendo línguas indígenas brasileiras, uma área recente e em pleno crescimento que mantém laços interdisciplinares com o desenvolvimento tecnológico e, de modo inovador, com áreas como as pesquisas em lingüística clássica (em seus diversos ramos e vertentes teóricas), em etnologia, história, arqueologia e outros.

No Brasil, esta área surgiu há cerca de sete anos, numa cooperação exemplar entre pesquisadores de instituições brasileiras e programas de ponta internacionais, especialmente da Europa. Vários projetos já produziram excelentes resultados, e a área tem um potencial forte para impulsionar mais ainda o progresso tecnológico na sua interface com as ciências humanas, de novo com a possibilidade de uma significativa participação do Brasil.

A *documentação* lingüística, hoje, não se confunde com a *descrição*, que é, essencialmente, a análise da estrutura de uma língua e sua apresentação em forma de, por exemplo, uma gramática (descritiva) e um dicionário. Os objetivos da documentação parecem mais simples: registrar a diversidade, ainda existente, das línguas nos seus contextos culturais, criando **acervos digitais** para múltiplos usos, inclusive em programas que visam o resgate lingüístico. Diferentemente de 30 anos atrás, hoje é possível realizar gravações em áudio e vídeo, sem grandes custos e de boa qualidade, de eventos e práticas culturais significativos, nos quais a língua constitui o meio central de comunicação e expressão.

Para que os materiais sejam úteis para futuras gerações de falantes e demais interessados, é necessário que as gravações, em formato digital, sejam submetidas a uma **anotação** que contenha, no mínimo, uma transcrição dos enunciados bem como sua tradução. Também é preciso organizar, catalogar e descrever, de uma forma estruturada, todas as gravações antes de depositá-las em acervos digitais seguros que possam garantir a disponibilidade mesmo em 20 ou 50 anos. Todos os originais das gravações e anotações permanecem em instituições brasileiras, sendo que cópias são entregues, em formato adequado e acessível, às comunidades envolvidas, para seu registro e uso (geralmente nas escolas indígenas). É essencial definir com clareza as regras de acesso a este material, que podem incluir restrições diferenciadas que respeitam os direitos intelectuais e à imagem, bem como as decisões dos falantes, levando em conta, por exemplo, conteúdos culturalmente e pessoalmente sensíveis.

Já há um ‘handbook’⁴ que cobre todos os aspectos fundamentais da documentação e a metodologia desenvolvida durante os últimos dez anos, escrito por especialistas que atuam no âmbito do programa DOBES (Documentação de Línguas Ameaçadas), iniciativa alemã que conta com a participação de pesquisadores do mundo todo, inclusive no Brasil⁵. O livro, com versões em inglês e espanhol, está sendo distribuído gratuitamente para grupos e instituições interessados em documentação.

Equipamento adequado e tecnologia de ponta

¹ Pesquisador Visitante no Museu Paraense Emílio Goeldi desde 1997. Atualmente bolsista CNPq. <drude@museu-goeldi.br>

² Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação do Museu Paraense Emílio Goeldi. <gabas@museu-goeldi.br>

³ Coordenadora de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi. <avilacy@museu-goeldi.br>

⁴ Gippert, Jost; Himmelfmann, Nikolaus P.; Mosel, Ulrike (orgs.) (2006) *Essentials of Language Documentation*. Berlin, New York: Walter de Gruyter.

⁵ <http://www.mpi.nl/DOBES>

Este tipo de empreendimento precisa de equipamentos e de *softwares* apropriados, considerando, entre outras coisas, as condições de trabalho de campo, que muitas vezes se realiza em locais sem energia elétrica. A maioria dos programas e da tecnologia empregados foi desenvolvida especificamente para estes fins, muito embora eles venham sendo usados em diversas áreas, como é o caso do ELAN, o programa mais conhecido, que permite a anotação precisa, em diferentes níveis, de quaisquer tipos de gravações de vídeo, não somente de dados lingüísticos de línguas ameaçadas.

Também surgiu, nos últimos quatro anos, a tecnologia LAT ('Tecnologia para Arquivamento de Línguas', desenvolvida no programa DOBES⁶) para construir acervos digitais estruturados, permitindo organizar, descrever, catalogar, e também providenciar e regulamentar o acesso a dados multimídia associados à anotação. Mais recentemente, iniciou-se uma nova etapa qualitativa, visando à construção de redes de acervos nacionais e regionais. No Brasil, já existe um servidor com LAT instalado no Museu do Índio (FUNAI, Rio de Janeiro). Neste contexto foi assinado um primeiro acordo de cooperação entre a FUNAI e o Instituto Max Planck para Psicolingüística (Nijmegen, Holanda), o centro técnico do programa DOBES, em abril deste ano. O objetivo é efetivar a cooperação técnica e a transferência de tecnologia para o Brasil – tecnologia que contou com a colaboração dos projetos brasileiros.

O servidor no Museu do Índio contém acervos de três línguas indígenas faladas na região do Alto Xingu (MT), resultados dos projetos pioneiros do DOBES sobre as línguas Kuikuro (família Karibe), Awetí (Tupí) e Trumai (isolada). Novos bancos de dados estão sendo inseridos no servidor do Museu do Índio e há planos para a ampliação dessa cooperação, com a instalação de outros acervos no Brasil, criando-se, com isso, uma rede de instituições que possam ser parceiras em futuros projetos nacionais e internacionais.

Além de hospedar acervos de dados lingüísticos e documentais, tais acervos poderão também hospedar os resultados de levantamento das línguas faladas no Brasil, das quais, muitas vezes, se sabe pouco mais do que o nome e algumas noções gramaticais básicas, faltando especialmente informações sobre o número de falantes e a sua vitalidade, verificada através do grau de transmissão e contextos de uso, entre outros fatores. É amplamente reconhecido que políticas públicas culturais para a pesquisa e para a educação escolar indígena precisam dessas informações para serem adequadas e competentes.

A América Latina e especialmente o Brasil têm contribuído para a documentação lingüística em posição de destaque. Dos oito projetos da fase piloto (em 2001) do programa DOBES, três visavam à documentação de línguas indígenas brasileiras. A cooperação estreita entre estes projetos produziu grandes corpora de dados comparáveis. Hoje, dos aproximadamente 40 projetos do programa DOBES, 12 documentam línguas da América Latina. Em outro programa da mesma natureza, o ELDP (Projeto de Documentação de Línguas Ameaçadas⁷) da Universidade de Londres (SOAS), há outros sete projetos sobre línguas brasileiras, todos realizados por pesquisadores sediados no Brasil (Museu Goeldi, Museu Nacional/UFRJ, UNICAMP, UFPA).

Diversidade ameaçada

A extraordinária diversidade cultural e lingüística ainda existente no Brasil, especialmente na Amazônia, está ameaçada, e sua documentação exige um esforço imediato e coletivo. O número de línguas indígenas faladas atualmente no Brasil varia entre 150 e 180, dependendo dos critérios. Esta quantidade pode parecer muito, mas é pouco em comparação com as estimativas de que teriam sido mais de 1200 quando da chegada dos Europeus há 500 anos.⁸ O número mediano (típico) no Brasil

⁶ <http://www.lat-mpi.eu/>

⁷ <http://www.hrelp.org/>

⁸ Rodrigues, Aryon Dall'Igna. (1993). "Línguas Indígenas: 500 anos de descobertas e perdas." *Ciência Hoje*, 16 (p. 20-26).

está em torno de 200 falantes por língua,⁹ mas mesmo entre as poucas línguas que têm milhares de falantes, não há nenhuma que possa ser considerada ‘segura’, ou seja, da qual podemos afirmar que ela provavelmente será, no final deste século, diariamente usada e transmitida de uma geração a outra. Ao contrário, não são poucos os casos de línguas faladas ou lembradas por somente poucas pessoas, usualmente idosas, e que quase inevitavelmente deverão desaparecer dentro de alguns poucos anos. Fatalmente, são muitas vezes estas línguas sobre as quais temos menos conhecimento.

Com o desaparecimento das línguas, que é um problema não apenas do Brasil, mas global, a ciência perde fontes de evidências para o conhecimento da linguagem humana e do passado antigo e recente indígena, e a humanidade perde uma essencial parte do seu patrimônio intelectual. Porém, quem sai perdendo em maior medida são as próprias comunidades indígenas, já que uma língua e suas variantes representam um elemento chave da identidade de um grupo e o veículo de tradições e conhecimentos milenares.

Portanto, a documentação lingüística moderna visa beneficiar em primeiro lugar as comunidades, fortalecendo suas línguas e suas culturas e aumentando sua auto-estima, precondições indispensáveis para um bilingüismo ou multilingüismo estável, a única forma sustentável de manter a diversidade. Não é por acaso que a demanda por documentação proveniente de grupos indígenas já ultrapassa de longe a capacidade dos poucos pesquisadores e centros preparados para este tipo de trabalho, especialmente na região norte.

Primeiros frutos da lingüística documental

A área do estudo das línguas indígenas do Brasil começou a se desenvolver no país há cerca de 50 anos, com as primeiras contribuições de Joaquim Mattoso Câmara e Aryon Rodrigues, feitas depois de pesquisas casuais preparadas por leigos, estudiosos e viajantes, muitas vezes do exterior. A área passou por diferentes fases, fortalecendo-se e emancipando-se cada vez mais, inclusive de um convênio inicial com organizações missionárias. Até poucos anos atrás, doutores atuando nesta área no país podiam ser contados nos dedos. Hoje, a área tem representatividade em vários centros do Brasil, especialmente o Museu Nacional, o Museu Paraense Emílio Goeldi, a UNICAMP e a UNB, além de contar com contribuições de vários pesquisadores em centros de pesquisa e universidades do Brasil e do exterior, mas ainda está muito aquém de dar conta da grande diversidade lingüística, ameaçada, no país.

Há vários indicativos de que a lingüística documental, com sua ênfase em interdisciplinaridade, em cooperação internacional e com as comunidades indígenas, e em tecnologias digitais, tem o potencial de alavancar o estudo das línguas indígenas para um novo patamar.

De fato, já há indícios encorajadores de que projetos bem-sucedidos têm efeitos bastante positivos. Uma chave para o sucesso é a participação ativa de membros da própria comunidade, estabelecendo, inclusive, um novo modelo de pesquisa com grupos indígenas. Dois exemplos, entre vários outros, podem servir de ilustração: A documentação da língua e cultura Kuikuro, iniciada por Bruna Franchetto, Carlos Fausto e seus colegas, é continuada mesmo hoje, depois do fim do financiamento pelo projeto DOBES, pela própria comunidade Kuikuro, a qual inaugurou com uma grande cerimônia, no mês de julho deste ano, uma casa de documentação na aldeia. Vários vídeos de autoria dos próprios Kuikuro já ganharam prêmios nacionais e internacionais.

⁹ Leite, Yonne & Franchetto, Bruna. (2006). “500 anos de línguas indígenas no Brasil.” In Cardoso, Suzana A.M., Mota, Jacyra A., Mattos e Silva, R.M. (orgs) *Quinhentos Anos de História Lingüística no Brasil*. Salvador: Sec. da Cultura e Turismo do Estado da Bahia (p. 15-61).

Moore, Denny and Gabas Jr., Nilson. (2006). “O futuro das línguas indígenas brasileiras.” In *Amazônia 500 Anos*. Louis Forline, Ima Vieira & Rui Murrieta (orgs). Belém: Museu P. E. Goeldi. (p. 333-354).

Outro exemplo é o trabalho de uma das autoras (Galucio), que acaba de lançar um inovador livro bilíngüe, cuidadosamente editado e ilustrado, com um CD-ROM contendo narrativas do povo Sakurabiat. Os índios prestigiam hoje a sua língua como nunca. Também, pelo seu trabalho de resgate da língua Puruborá, a pesquisadora ganhou o prestigiado Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do IPHAN. O projeto de Galucio ajudou na reunificação dos Puruborá, antes já espalhados por cidades do estado de Rondônia. Como dizem os remanescentes Puruborá, os registros das poucas palavras e frases possíveis de se recuperar serão inestimáveis para as futuras gerações, que certamente perguntarão sobre seus antepassados, sua origem e sua identidade.